

OS ALFABETOS DE ALVÃO E GLOZEL (1)

A BATALHA travada à volta dos estupendos achados de Glozel está longe de ter atingido o seu têrmo. Tem fazes — avanços e recuos. Uma vez, um sábio de grande renome vem enfileirar-se ao lado do heróico dr. Morlet, dando-lhe o seu apoio; outras, um sábio também de fama mundial vem aumentar a coorte dos adversários de Glozel; e o debate prosegue nem sempre com aquela calma, aquela dignidade e, diremos mesmo, aqueta lógica que deveriam presidir a controvérsias desta ordem.

O leitor português está suficientemente informado das principais alternativas desta luta, por magníficos artigos publicados em revistas e jornais por vários cientistas portugueses. Não vamos, pois, historiar as suas peripécias; apenas queremos insistir em alguns pontos que não tem sido, afigura-se-nos, suficientemente esclarecidos.

* * *

O caso de Glozel liga-se com o de Alvão. Ora eu nunca duvidei das descobertas dos Padres Brenha e Rodrigues. Rocha Peixoto, o indefesso

(1) Publicado nos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etmologia», vol. III, fasc. III.

redactor da «Portugalia» e meu dedicado amigo, assegurava-me a probidade dêsses ilustrados sacerdotes. De resto, que prodigiosa técnica não seria necessário possuir para imitar objectos de tão remota antiguidade, a ponto de iludir homens do valor de Ribeiro Fortes, Rocha Peixoto, Ricardo Severo e tantos outros!

Freqüentes vezes, em lições professadas na Faculdade de Letras do Pôrto, falando da origem do alfabeto, afirmei que era necessário contar com o testemunho de Alvão, e o desdem manifestado em congressos por sábios ilustres, a propósito desta estação portuguesa, atribuía-o eu a um simples caso de ignorância do assunto.

Pensando assim, os achados de Glozel não representaram para mim uma surprêsa. As primeiras notícias que deles tive, encontraram em mim uma expectativa benévola, que se transformou em certeza depois de ler os depoimentos de Leite de Vasconcelos, Reinach, Van Gennep, Loth, etc. Surgiu a polémica. Li tudo ou quasi tudo que se publicou pró e contra, e tenho a convicção de que os negadores, com Jullian à frente, virão a ficar na situação daquele académico francês que, ouvindo pela primeira vez um fonógrafo, negara a realidade do invento de Edison, alegando tratar-se dum caso de ventriloquia! (1)

(1) Este artigo é de 1927. Depois dos factos ocorridos, crêmos hoje que nem todos os detractores de Glozel ficarão na situação simplesmente risivel do académico senil do fonógrafo: para alguns, o nosso prognóstico é muito mais sombrio.

Já vão ficando para o domínio das coisas tristes que fazem rir aquela tôrva caverna de feiticeiro, a deliciosa tradução dos caracteres de Glozel, etc. Voltaram agora ao tema da fraude... O bom senso irá dominando, e creio bem que um dia chegará em que estarão dissipadas tôdas as dúvidas.

Ultimamente os partidários da autenticidade de Glozel adquiriram um importante elemento. Trata-se do meu querido colega e ilustre sábio dr. Mendes Corrêa que, depois de atento exame no próprio local, se declarou convencido da impossibilidade da fraude e da alta antiguidade dêsses achados.

O dr. Mendes Corrêa, porém, supõe que a nossa estação de Alvão é muito mais recente do que a de Glozel. Julga-a contemporânea ou quási contemporânea das inscrições ibéricas. Direi mais adiante por que motivo o não acompanho nesta sua opinião.

* * *

Não nos deve causar estranheza que na época neolítica apareçam caracteres alfabetiformes. Segundo a cronologia de Osborn, que Capitan adopta, o neolítico antigo, na Europa, começaria por 10000 anos a. C.; o pleno neolítico, na Europa, por 7000; o neolítico recente e o cobre, na Europa, por 3000 a 2000. Ora Flinders Petrie, o eminente egiptólogo, num artigo publicado na «Scientia», informa-nos do seguinte:

«Há 40 anos, pouco mais ou menos, notaram-se diversos sinais no reverso de telhas provenientes do palácio de Ramsés III, em Tell Yehudiyeh, datando de cêrca de 1200 anos a. C. Compreendiam as letras A, E, I, O, C, X, T, Λ, M, não sob as formas cursivas fenícias, mas como letras capitais, como os alfabetos grego e romano. Nenhuma das teorias do alfabeto derivado das origens hieráticas ou cretenses, tentou explicar êste problema.

«Depois disto, continua Petrie, há cêrca de 30 anos, eu encontrei várias letras análogas, gravadas em peças de cerâmica, datando de 1400 ou 1200 anos a. C. Conhecem-se, ao todo, mais de 30 letras ou sinais dêste período. Depois encontrei muitas na cerâmica primitiva da XII dinastia, 3300 anos a. C. E enfim, *muitas apareceram da 1.ª dinastia, de 5500 anos antes de Cristo e do longo período pré-histórico precedente*» (1).

A importância destas afirmações não terá passado despercebida ao leitor. Era já certo antes das descobertas de Glozel, que aí por 5500 anos a. C., existiam sinais alfabetiformes. Di-lo uma das maiores autoridades na matéria, Flinders Petrie. É certo que o ilustre egiptólogo exprime dúvidas sôbre o seu uso primitivo, pois que diz: «estes sinais foram indubitavelmente empregados como escrita nos fins do período que vai de

(1) «Scientia», 1-XII-1918, pàgs. 430-31, *The origin of the Alphabet*, by Fl. Petrie. Também neste artigo Petrie responde aos seus contraditores.

1500 a 1200 a. C.» (1). Mas os caracteres existiam, eis o que é certo, muito antes dêste período. «Três quartas partes deles são conhecidos anteriormente aos hieroglífos do Egipto» (2). Já vimos, mesmo, que antes da 1.ª dinastia êles apareceram.

Assentemos, pois, que os primeiros sinais alfabéticos do Egipto foram lineares, contrariamente ao que ainda hoje se ensina, e, reconhecendo que a data da 1.ª dinastia ainda cabe dentro do neolítico da Europa, mesmo adoptando a cronologia de Meyer, não nos surpreenderá que em Glazel, estação neolítica, apareçam caracteres alfabéticos.

Mas há mais. Conhecidos pelo menos desde a 1.ª dinastia egípcia êsses caracteres egípcios, idênticos aos de Alvão e Glazel, como veremos, são nos primeiros tempos dum uso um tanto duvidoso.

Aparecem sinais isolados, e as inscrições seriam tão raras, que não tem apparecido. Em Alvão e Glazel, tal uso não é duvidoso. Aparecem alinhados, como verdadeira escrita. Que concluir então? Que o alfabeto, já corrente no neolítico, no ocidente da Europa, ia fazendo a sua entrada no Egipto, letra após letra; que o alfabeto egípcio deriva, pois, do alfabeto do ocidente da Europa, que nesse tempo já o manejava com segurança, ao passo que os Egípcios só o dominaram ou, pelo menos, lhe deram mais largo emprêgo, por alturas de 1500 a 1200 antes de Cristo.

(1) «Scientia», id., id., pág. 442.

(2) Id., pág. 441.

Estamos, assim, em plena tese ocidental. O neolito ocidental tem um alfabeto, um instrumento sério de comunicação de pensamento. Nessa época, em nenhuma outra região aparecem sequer sombras de alfabetos. Só no ocidente europeu. As estações de Glozel e de Alvão, ambas com tão singulares ressaibos madalenenses, eis os elos que faltavam para filiar os caracteres lineares egípcios e todos os outros alfabetos lineares—mesmo o das inscrições de Ahiiram (1); mesmo o do fragmento de ouro, chinês, da colecção de Hopkins (2); mesmo alguns caracteres proto-elamitas (3), sem falar em todos os outros que habitualmente se comparam com o hierático e o fenício (4).

E Alvão? Neolítico? da 2.ª idade de ferro? fraude do Padre Brenha? Nem fraude, nem idade de ferro, 1.ª ou 2.ª. As mesmas razões que fazem classificar Glozel no neolítico actuam para que idênticamente se classifique Alvão: indústria neolítica, ausência de objectos metálicos, etc. Mas o alfabeto? Diz o meu prezadíssimo colega dr. Mendes Corrêa que as suas analogias com o alfabeto

(1) R. Dussaud. *Les Inscriptions phéniciennes du tombeau de Ahiiram*. Syria, v, 1923; Contenau, *La Civilisation phénicienne*, 1924.

(2) «Scientia», 1-1-1920, pág. 28, *L'Écriture dans l'ancienne Chine*, pour L. C. Hopkins, trad. de Henry de Varigny.

(3) Jacques de Morgan, *L'Humanité Préhistorique*, Nouvelle ed. 1924, págs. 278 e 279.

(4) V. p. ex. Lenormant, *Essai sur la propagation de l'Alphabet Phénicien*; 2 vol, de 1863 a 1875.

ibérico são maiores do que com o de Glozel, e que, portanto, as idades dos dois coincidirão aproximadamente.

Com efeito, o meu ilustre amigo fez a comparação desses alfabetos quando ainda não estava publicado o 4.º fascículo da publicação do dr. Morlet ⁽¹⁾, onde se dá o alfabeto de Glozel completo até à data, o que representa um grande número de caracteres a mais.

A comparação em face da lista actualizada de Morlet levá-lo-ia a outras conclusões, provavelmente. É fácil mostrar que as analogias entre Glozel e Alvão são pelo menos tantas como entre Alvão e o alfabeto ibérico, do quadro de Ricardo Severo (aliás incompleto). Tudo isso veremos em breve.

Flinders Petrie sugere no seu já citado artigo que «desde a época dos homens das cavernas e desde a época da Rena se empregaram muitas vezes caracteres, alguns dos quais são fórmulas muito vizinhas das que apresentam as letras mais recentes. Estes sinais, continua, eram empregados na civilização pré-histórica do Egipto para marcar a propriedade pessoal, porque se encontra o mesmo sinal repetido muitas vezes na cerâmica dum túmulo» ⁽²⁾. Isso não prova que só serviu para esse fim. Flinders Petrie marca certamente a sua roupa com um F e um P, e no entanto estas letras têm outros usos. E o que se diz

⁽¹⁾ Dr. Morlet et Fradin, *Nouvelle Station Néolithique*, 4.º fascicule, 1927. Hoje há o magnífico trabalho do Dr. Morlet «Glozel». 1929.

⁽²⁾ Petrie, «Scientia», id., pág. 443.

dos caracteres egípcios, diz-se dos madalenenses. A tese de Piette parece-me que deve ser retomada. Os madalenenses tinham sinais alfabéticos idênticos aos dos diferentes alfabetos lineares (1). Como é que modestíssimas marcas dos misêrrimos paleolitas tomaram um tão excepcional valor, a ponto de serem a origem do alfabeto que só milénios depois apareceria? Que prodigiosa incubação! E como se explicam como marcas as inscrições de Rochebertier (Charente) ou da Madalena, comuna de Tursac (Dordogne), com caracteres em fila?

Seriam simples marcas na sua origem, no Madalense, mas ainda dentro do Madalense se teriam tornado em sinais alfabéticos, em alfabeto mesmo. Se não, marcas destacadas, perdendo a actualidade com a morte do possuidor dos objectos marcados, morreriam sem descendência. Só valorizadas em alfabeto se poderiam impor e ter o glorioso futuro que tiveram.

As analogias do alfabeto madalense com os sinais alfabéticos das diferentes escritas, mormente com os de Glozel e Alvão, são, na verdade, extraordinárias (fig. 1).

Comparando os caracteres de Alvão, de Glozel e ibérico, notaremos que o número das ausências no ibérico é maior do que em Glozel, e que

(1) Parece que nunca se insistiu suficientemente na irremediável perda de inscrições gravadas ou pintadas em madeira, que, certamente abundariam, por maior facilidade de execução, desde os mais remotos tempos. É assunto a que voltaremos em outra publicação.

<i>Madalense</i>	<i>Alvão</i>	<i>Glozel</i>
A ₁	A	A
F ₂ E ₃	F	F
I ₄	I	
M ₅	W	W
V ₆	Y	Y
X ₇	X?	X
Γ ₈	Γ	Γ
↑ ₉	↑	↑
∧ ₁₀	∧	∧
∧ ₁₁	∧	∧
↑ ₁₂	↑	
F ₁₃	F	-
V ₁₄	V	V
Q ₁₅		Q

Fig. 1—Caracteres madalenses em confronto com os de Alvão e Glozel

1—Ourdon, Haute-Garonne e Mas d'Azil; 2—Rochebortier; 3—Mas d'Azil; 4—Castillo; 5—Mas d'Azil; 6—Rochebortier; 7—Rochebortier e Castillo; 8 a 12—La Madeleine; 13 e 14—Altamira; 15—Ourdon. Podíamos acrescentar mais letras madalenses, como por exemplo, o S (Ourdon), etc. O n.º 5 é azilense.

Alvão

Glozel

Iberia

1 

703  x



2 

102  x



3 

17 



4 

-

 x

5 

62  x

 x

6 N Z

32 N⁰¹ Z

 x x

7 V

15 V



8,9 

29 W (2^o fase.)

 x

10 

29 A, V^{2^o fase.} x
17, 24 x

-

11 

31 

 x

12 |

9 |

-

13 H

42 H



14 

27, 30  x

 x

15 

100  x

 x

16 

-

-

	<i>Glozel</i>	<i>Thera</i>
24	□ x	-
32	∇	∇
57	++ x	+
60	⊥ x	⊥ x
62	⊥	-
61	⊥	⊥ x
24	□	-
6	-	∇ x
7	-	∇ x
18	K	K x
29	⌋	-
30	Y	-
31	X	-
32	⌋	∧ x
		-

Fig. 2 e 3- Paralelo entre o alfabeto de Alvão e os de Glozel e Ibrico

as simples variações (assimetrias, inversões, etc.) são igualmente maiores nos ibéricos. O quadro de Severo, que seguimos, é talvez incompleto no que diz respeito aos caracteres ibéricos, mas também o alfabeto de Glozel se vai enriquecendo. Haverá compensação.

Devo acrescentar, porém, que, fôsse a analogia do alfabeto de Alvão com o ibérico maior do que com o de Glozel, ainda assim eu não abandonava a minha tese. Essa hipotética maior analogia, explicá-la-ia por se ter desenvolvido o alfabeto ibérico no mesmo solo que o de Alvão, e sabe-se quanto, mesmo a distâncias enormes, no tempo e no espaço, persistem as formas gráficas, a ponto de nós ainda hoje nos servirmos de letras que os remotos madalenenses criaram e no extremo oriente se encontrarem sinais alfabéticos também do madalenense.

O que nos deve interessar é o conjunto. Em Alvão aparecem objectos que deram a Ricardo Severo a impressão dum madalenense degenerado; em Glozel, também Loth e outros notaram logo de princípio influências madalenenses. Em Alvão não aparecem metais; também não aparecem em Glozel. Juntamente com os estranhos objectos de Alvão aparecem letras, o que é um verdadeiro *escândalo* (a ponto de se ter suspeitado de fraude); também em Glozel aparece, associado com objectos vários, um alfabeto com fortes analogias com o de Alvão, o que é outro escândalo, que desencadeou... uma nova questão Dreyfus. Que concluir? Que êsses conjuntos, o

de Alvão e o de Glozel, são independentes? Não o creio. Liga-os a filiação comum do mada-lenense. E se uma estação é anterior a outra, deve ser a de Alvão, que representa uma degenerescência pura e simples do madalenense, ao passo que Glozel, ao lado duma degenerescência acentua também uma evolução própria. Isso, porém, será objecto doutro estudo.

Nota — Falei na filiação dos caracteres proto-elamitas e chineses arcaicos no alfabeto ocidental. Com efeito, nos quadros que dá Morgan ⁽¹⁾ dos primeiros, aparecem (fig. 174 de Morgan) alguns caracteres idênticos aos de Alvão, etc.: e na fig. 175, se suprimirmos a base poligonal a alguns caracteres, ficam sinais dos nossos alfabetos (fig. 4). Não se trata de hieroglifos ⁽²⁾.

Quanto aos caracteres chineses arcaicos, a supressão no fragmento que reproduzo da colecção de Hopkins ⁽³⁾, das bases de dois dos caracteres, tornam-nos identificáveis ao alfabeto ocidental. Os restantes também o são.

(1) Morgan, *L'Humanité Préhistorique*, 1924, págs. 287 e 289.

(2) Este assunto será devidamente desenvolvido em outro trabalho.

(3) «Scientia» 1-1-3920, pág. 20.